

A Conversação Dual: Uma proposta de Caracterização dos Elementos Paraverbais e Não Verbais¹

F. J. Costa dos Santos (Ppgel/UFRN)

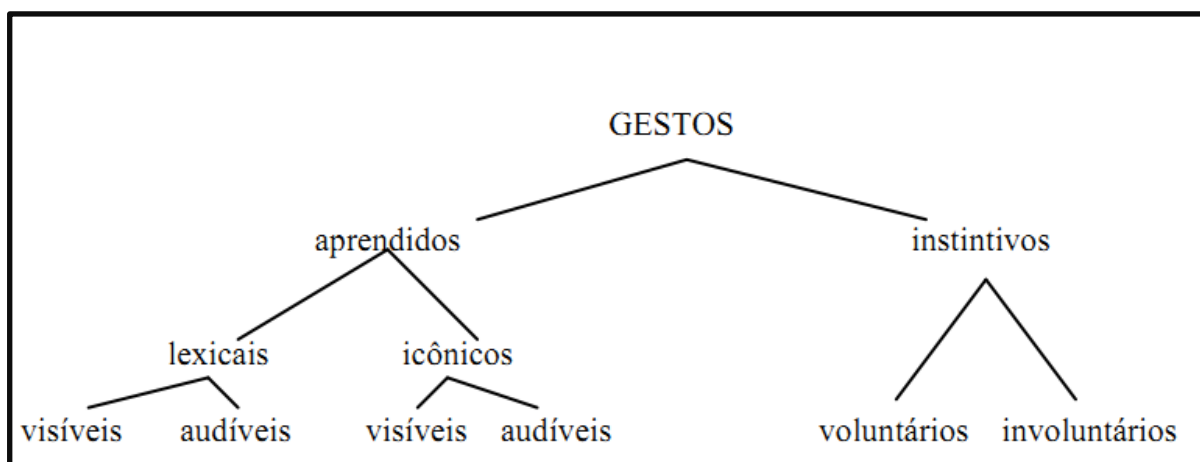
“Na interação face a face, os códigos de comunicação são audíveis e também visíveis e sensíveis. Comunicamo-nos não só com a linguagem constituída dos sons emitidos pelo aparelho fonador, mas também com o corpo todo, isto é, com elementos não verbais”.
Steinberg (1988)

Os primeiros estudos sobre os elementos paraverbais e não verbais estão ligados à retórica clássica – ainda que não nomenclaturizados dessa maneira. Cícero já incluía nos estudos retóricos a abordagem da voz, postura, corpo e gesto. Nos séculos XII e XIII, é possível observar uma ligação entre a atenção aos gestos no Ocidente medieval e sua constituição – ocorria um controle ideológico dos gestos por parte da Igreja. A gestualidade foi considerada suspeita pelo cristianismo da alta Idade Média em que se observava o obscurantismo pelo qual passou a palavra “gestus” dos séculos X ao XII. (Efrón, 1941)

O mesmo autor ainda afirma que os gestos, numa sociedade, constituem uma linguagem e, como todas as linguagens, a gestualidade é codificada e controlada pelas instâncias ideológicas e políticas e que os gestos são culturalmente determinados não apenas no que diz respeito ao seu maior ou menor emprego, mas ainda no que se refere ao espaço utilizado em sua execução.

Para Bolinger (1975), os gestos podem ser instintivos ou aprendidos. Estes últimos podem ser lexicais ou icônicos e, segundo o estudioso, podem apresentar uma subdivisão: visíveis e audíveis. Já os instintivos podem ser voluntários e involuntários. No quadro abaixo, mostramos a tipologia proposta pelo autor apenas como forma de demonstrar seu pensamento sem irmos mais fundo nisto.

¹ Trabalho apresentado à disciplina Tópicos de Linguística Aplicada I, do Programa de Pós graduação “strictu sensu” da Universidade Federal do Rio Grande do Norte em 2011.1 como requisito parcial à obtenção de créditos.



Classificação dos gestos proposto por Bolinger (1975)

Ferreira (1999) reafirma Efrón (1941) ao dizer que desde a Grécia Antiga tem-se conhecimento da preocupação com o bem falar e com a voz. Naquela época, os grandes filósofos da história reuniam-se para discursar sobre os temas que os moviam, e a linguagem era tida como um dom divino e qualquer desvio era rotulado como algo “endemoniado” (Ferreira, 1999).

Os constantes estudos nesta área ao longo dos tempos levaram ao aprofundamento do conhecimento até então produzido e outros campos investigativos que enveredam pelo campo das relações humanas e, que por sua vez, emergem da necessidade da compreensão de diversos outros campos que desembocaram na Etnometologia contribuíram na formulação de novas hipóteses que por sua vez se subdividiram em outros saberes.

O termo etnometodologia designa uma corrente da sociologia americana, que surgiu na Califórnia no final da década de 1960, tendo como seu principal marco fundador a publicação do livro *Studies in Ethnomethodology* [Estudos sobre Etnometodologia], em 1967, de Harold Garfinkel. A publicação da obra de Garfinkel provocou uma reviravolta na “sociologia tradicional” gerando intensos debates no meio acadêmico das universidades americanas e européias, particularmente inglesas e alemãs (Coulon, 1995a, p. 7).

É a partir deste embate ideológico que diversas correntes de pensamento se constituem e dentre elas a Análise da Conversação. Segundo Marcuschi (1986), a Análise

da Conversação surgiu na década de 60, seguindo a linha da Etnometodologia e da Antropologia Cognitiva, tendo como objetivo principal, até meados dos anos 70, a descrição das estruturas conversacionais, além de seus mecanismos organizadores.

Segundo Koch(1998), a preocupação com a descrição da estrutura e organização da conversação se revela por ser a Análise da Conversação, inicialmente, praticada por sociólogos que trabalharam sob forte influência da etnometodologia. Isso nos leva a compreender que, diferenciando-se da Análise do Discurso, a Análise da Conversação assume o princípio de trabalhar somente com dados reais e analisados em seu contexto real de ocorrência.

São a partir desses estudos que se compreende que a comunicação é o comportamento que mais relaciona o homem ao outro ou a comunidade. Segundo Silva et al (2000), a comunicação é um processo de interação complexo e interpessoal em que as pessoas são envolvidas no discurso, tanto para compreender o outro quanto para serem compreendidas.

Hoje, dados outros aspectos, como expressões faciais, entonações específicas, sorrisos, gestos, olhares, dentre outros, que entram na construção do sentido do enunciado linguístico, por ocasião das negociações interativas, os estudos conversacionais não apenas se detêm na análise das estruturas, mas também na sua interpretação. A propriedade básica da conversação é a interação, que tem como elementos constitutivos a negociação, a cooperação, a compreensão e a interpretação, diferenciando-se da conversação em si, que é uma atividade de fala na forma dialogada, cujos elementos podem ser os turnos, as trocas, as sequências, dentre outras categorias.

Devemos esclarecer que assumimos o conceito de interação tal como proposto por C. Kerbrat-Orecchioni (1996), a saber, “uma troca comunicativa entre pelo menos dois participantes, que exercem influências recíprocas um sobre o outro e que realizam um conjunto de ações verbais, paraverbais e não verbais que atestam o seu envolvimento mútuo na troca comunicativa e que asseguram a sua gestão”. (tradução nossa), dito isso, caminhamos para direcionar o nosso foco para uma tentativa de caracterização destes elementos nomenclaturizados por Kerbrat-Orechioni de paraverbais e não verbais.

De acordo com a autora, a importância do material paraverbal e não verbal reside nos seguintes aspectos:

- ✓ Certos comportamentos não-verbais são considerados como condições de coerência do diálogo;
- ✓ São importantes indicadores de passagens de turnos de fala;
- ✓ Auxiliam a determinar significações implícitas;
- ✓ São indicadores dos estados afetivos dos participantes, pois funcionam como vetores que privilegiam a expressão das emoções e indicam também as formas de relação interpessoal;
- ✓ Têm a função de facilitadores cognitivos.

Birdwhistell(1970) é o inventor do neologismo cinésica, sendo considerado o pioneiro nesta área e usou a linguística como modelo para sua obra onde estudou os sinais do corpo a partir de uma estruturação semelhante à usada para a compreensão da fala humana. Entre os pressupostos básicos nos quais baseou sua teoria, se considera importante ressaltar que nenhum movimento ou expressão corporal é destituído de

significado no contexto em que se apresenta; tal como outros aspectos do comportamento humano, a postura corporal, o movimento e a expressão facial são padronizados e, por consequência, sujeitos à análise sistemática; embora sejam reconhecidas as possíveis limitações impostas por substratos biológicos particulares, até que seja demonstrado o contrário, o movimento corporal sistemático das pessoas de uma comunidade é considerado uma função do sistema social a que o grupo pertence; a atividade corporal visível, assim como a atividade fonética audível, influencia o comportamento de outros membros de qualquer grupo.

Já Hall (1986) é o pioneiro no estudo da proxêmica e afirma que existe uma relação entre o uso dos sentidos na interação e as distâncias interpessoais. Proxêmica é, portanto, um neologismo criado por ele, para designar o conjunto das observações e teorias referentes ao uso que o homem faz do espaço enquanto produto cultural específico.

Em seu trabalho “Os elementos não verbais da conversação” Steinberg (1988) estuda os elementos não verbais que acompanham a fala numa interação face-a-face, demonstrando que além da emoção, por meio da paralinguagem, se pode apontar até o nível social do falante.

Entre as pesquisas que interrelacionam o verbal e o gestual, ressaltamos as de Ekman e Friesen (1969), para os quais o ato não verbal pode repetir, aumentar, ilustrar, acentuar, contradizer, antecipar, duvidar, substituir, acompanhar os elementos verbais ou não se relacionar a estes enquanto para Knapp (1972), são indicativos de que o sistema não-verbal pode assumir, em relação ao verbal, os seguintes valores: repetição, contradição, complementação, ênfase, substituição; podendo, inclusive, instituir-se como regulador do fluxo comunicativo.

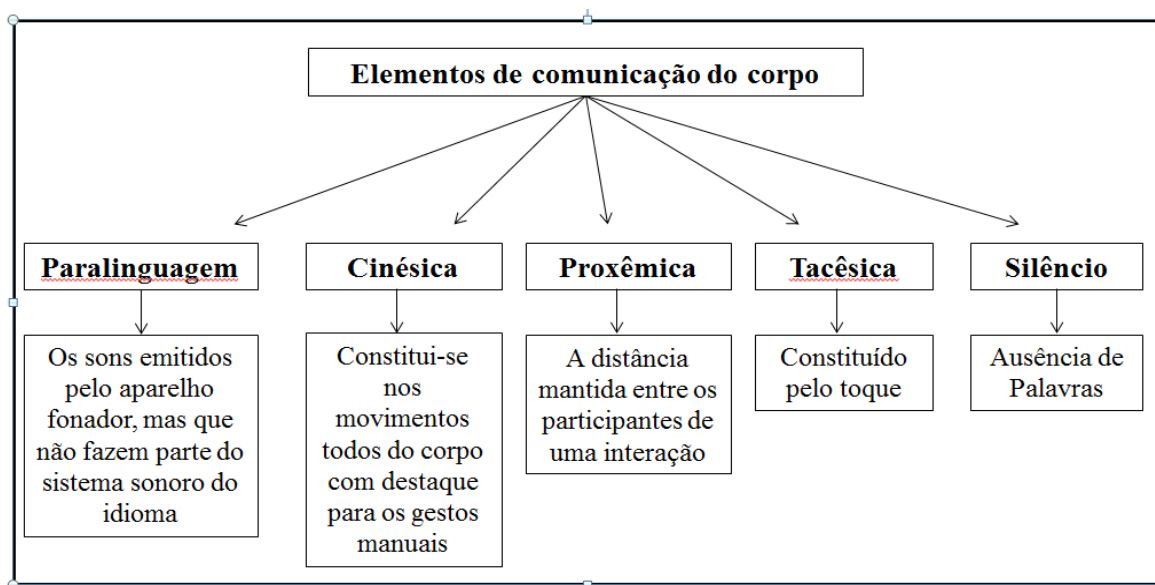
Eckman e Frisen (1996) categorizam a comunicação não verbal em cinco pontos básicos, a saber: Emblemáticos, Ilustradores, Demonstradores de afeto, Reguladores e Adaptadores.

Por emblemático os autores afirmam serem os atos não verbais que apresentam uma tradução verbal direta. Essa tradução do emblema é conhecida de todos os membros de um grupo, classe ou cultura. Alguns emblemas são codificados de maneira arbitrária tal como ocorre na linguagem dos surdos-mudos em que nem sempre os movimentos realizados pelos dedos lembram a forma grafológica da letra do alfabeto a que o movimento faz referência.

Como ilustradores estão os movimentos diretamente ligados à fala, servindo para promover ilustração semântica do que está sendo dito. Os demonstradores de afeto abarcam os movimentos faciais que demonstram ou traem emoções enquanto que os reguladores atuam na regulação a vez de quem fala e de quem ouve. Por fim, os adaptadores são aqueles que estão ligados aos movimentos executores da tarefa.

Visto desse ponto, a comunicação possui sempre três elementos: algo que conhecemos, algo que sentimos e algo que vivenciamos. Se deve, portanto, compreender bem o conteúdo a ser transmitido, ligar esse conteúdo conscientemente ao que está sentindo, e ser vivenciado, ou seja, fazer parte do seu cotidiano. Essa coerência de comunicação é expressa pela complementaridade entre seu verbal (associado às palavras expressas) e seu não verbal que é toda informação obtida por meio de gestos, posturas, expressões faciais, orientações do corpo, singularidades somáticas naturais ou artificiais, organizações dos objetos no espaço e até pela relação de distância mantida entre os indivíduos.

Steinberg (1988) afirma que em um ato unido ao da fala, o corpo todo transmite uma comunicação voluntária ou involuntária. No quadro abaixo mostramos a classificação proposta pela pesquisadora para a comunicação não verbal.



Classificação dos elementos da comunicação corporal proposta por Steinberg (1988)

Esses elementos elencados pela pesquisadora são considerados elementos comportamentais de pessoas ligadas a um determinado grupo social ou étnico. Steinberg (1988) segue, classificando os elementos não verbais em duas categorias distintas que ela chama de vocálicos e não vocálicos.

Visto do campo semântico a linguagem paraverbal e não verbal pode ser utilizada para enfatizar, contradizer, negar, etc. e visto dessa maneira, podemos classifica-los semanticamente como: enfáticos, contraditórios, dêiticos, mímicos, executores, apelativos, afetivos, exibidores, descritivos, ritualísticos, desafiadores, pudicos e aprovadores. Essa posição é assumida por Steinberg (1988) e podemos dissecar da seguinte forma:

P A R A V E R B A L E N Ã O V E R B A L	Enfáticos	Acompanham a palavra para enfatizá-la
	Contraditórios	Desmentem as palavras ditas
	Dêiticos	Apontam para algo ou alguém com todo o braço, a cabeça, um olhar ou lábios
	Mímicos	Imitam uma ação, uma pessoa, etc.
	Executores	Empregados na execução de uma tarefa
	Apelativos	Empregados para conseguir atenção
	Afetivos	Substitui as palavras quando estas se mostram inúteis
	Exibidores	Usada para amostragem
	Descritivos	Usados para delinear contornos de algo
	Ritualísticos	Usados em saudações, cerimônias, etc
	Desafiadores	Desafiam a uma contestação
	Pudicos	Denotam vergonha ou constrangimento
	Aprovadores/ Desaprovadores	Manifestação aprovação ou não com meneios de cabeça, polegar para cima ou para baixo, indicador em movimento, etc.

Usos da comunicação paraverbal e não verbal proposto por Steinberg (1988)

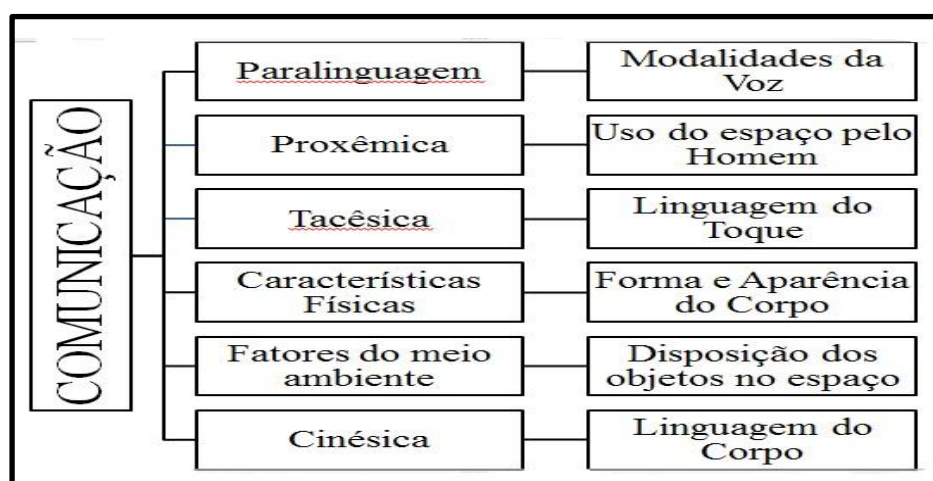
Assim, comunicar constitui um ato de desejo, de conhecimento, de comportamento social que para Fiorin (2006), é mais do que um sistema abstrato, é fruto da interação entre "eu" e o "outro", implica em um ato social que envolve elementos do contexto individual ou social (coletivos) e que se utiliza de recursos verbais, paraverbais e não-verbais.

Os recursos verbais expressam uma linguagem falada ou escrita. Já os recursos paraverbais e não-verbais compreendem todas as manifestações de comportamento como emoções, gestos, atitudes, expressões faciais, intenções, imagens, movimentos de aproximação ou afastamento, tons de voz, vestuário ou qualquer outro elemento que possa ter significado para as pessoas envolvidas na comunicação (Silva et al, 2000) se pode compreender que a comunicação vem antes e vai muito além da fala como objeto de interação.

Birdwhistell(1985) afirma que apenas 35% do significado social de qualquer interação corresponde ao material produzido vocalmente, uma vez que, o homem é multissensorial. É também “achado” do eminente pesquisador que é em um nível abaixo da consciência que ocorre parte da comunicação humana, local onde é indireta a importância das palavras.

Os autores pesquisados, apesar de subdividirem de maneira diferente os sinais não verbais, concordam que comunicação não verbal é tudo que pode ter significado para o emissor ou o receptor, exceto as palavras por elas mesmas.

Em um processo interacional face a face, os elementos não verbais podem assumir significância tanto quanto as palavras, lhes ofertarem ressignificação ou ainda negar o vocalizado. Knapp (1980) propõe a seguinte classificação do não verbal.



Classificação proposta por Knapp (1980)

Ele faz um detalhamento mais acurado desses elementos afirmando que:

- ✓ Paralinguagem trata dos elementos paraverbais, ou melhor, das modalidades da voz, dos elementos prosódicos que aparecem na produção e co-constroem o sentido. Esses elementos estão presentes na dimensão textual da intercompreensão, assim, o ritmo, a pausa, o tom, os sons que não são palavras (grunhido, riso, choro ou outros) são carregados de completude à comunicação;

- ✓ Proxêmica é a distancia que separa os interactantes em uma interação e varia conforme padrões culturais estabelecidos inconscientemente e a autoridade, a timidez a intimidade podem ser detectáveis por essa distancia. Assim como na intercompreensão, a interação é multicultural e desentendimentos podem surgir no que diz respeito ao espaço do outro, então, a proxêmica, também chamada de proxemia, trata do uso do espaço pelo Homem no processo comunicativo.
- ✓ Tacêsica é o contato físico que atua como um dos componentes da linguagem não verbal e guarda estreita ligação com a cultura do falante. Atitudes que para uma determinada cultura são normais, por exemplo, a saudação tocando o antebraço do interactante na cultura romana. Igual ato pode ser considerado agressivo para a cultura japonesa. A linguagem tacêsica ou do toque, carrega em si um forte componente social em que o toque pode significar desrespeito, carinho, respeito, neutralidade e até mesmo violência.
- ✓ Cinésica ou Kinestesia recebe destaque entre os elementos não verbais por assumir papel de importância basilar no processo de decodificação nas mensagens recebidas no transcurso de uma interação. É nesse campo que se insere o estudo da linguagem corporal. Tais estudos levam em conta que a capacidade de ouvir e compreender o interactante inclui muito mais que a fala. O processo de comunicação absorve também as expressões e manifestações do corpo enquanto elementos fundamentais na constituição da interação. Na intercompreensão face a face, os gestos assumem condição de essencialidade, não apenas como suporte à fala, mas participam da construção semântica dessa fala e de sua compreensão. Lapsos que podem ocorrer na fala recebem completude pelos gestos.

Considerações

O estudo da gestualidade mostra que essa linguagem é constitutiva da atividade conversacional, ora, ora substituindo a palavra, ora reforçando-a, ora contradizendo-a e nessa relação dual a construção do diálogo se fundamenta compreendendo que o verbal em uma interação face a face não se mostra único e eficiente na produção de sentido. Os

elementos paraverbais e não verbais tomam corpo de dualidade semântica para a intercompreensão mútua entre os interactantes.

Deve-se aprender a decifrar as mensagens “silenciosas” (não verbais) com tanta facilidade como as comunicações escritas ou faladas, pois, os diálogos carecem de uma imbricada relação entre o que se fala e como se fala como tão bem aponta Garfinkel (1967).

As análises efetuadas mostram que a gestualidade exerce um papel significativo na interlocução, mantendo, juntamente com a linguagem verbal, uma relação de reciprocidade, isto é, formando um conjunto funcional interdependente. É importante que todos os elementos (verbais e não-verbais) sejam devidamente observados para que a comunicação/interação seja eficiente e carregada de sentidos.

Referencias

- BIRDWHISTELL, R. L. Kinesics and context. Philadelphia: Pennsylvania Press, 1970.
- COULON, Alan. Etnometodologia. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Vozes, 1995a.
- EKMAN, Paul e FRIESEN, Wallace; “The repertoire of non-verbal behavior categories, origins, usage and coding”. Semiotica, 1969: 49-98.
- FIORIN, J. Introdução ao pensamento de Bakhtin. Editora Ática, 2006.
- HALL, E. T. A dimensão oculta. Lisboa: Relógio D'água, 1986
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. Les Interactions verbales. Paris, Amand Colin.1994.
- _____ ; La Conversation. Paris: Seuil,1996.
- _____ ; Analise da Conversação: Princípios e Métodos; trad. ????? São Paulo; 1996
- KNAPP, M. L; Nonverbal communication interaction; Holt Rinehart & Winston. New York 1972
- KOCH, I. G. V.; A inter-ação pela linguagem; São Paulo ; Contexto; 1998
- MARCUSCHI, L. A.; Análise da conversação. São Paulo : Ática, 1986.

MORTIMER E.F; SANTOS F.M. Comunicação não-verbal em sala de aula. Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências, 1(1), 18-30.2001.

SILVA, L. et al. Comunicação não-verbal: reflexões acerca da linguagem corporal. Ver. Latino-am. Enfermagem, Ribeirão Preto, v.8, n.4-agosto 2000.

STEINBERG, M. Os elementos não verbais da conversação. São Paulo: ActuaI, 1988